

Direcção das Obras Públicas do Distrito d'Évora

Planta chorographica da zona atravessada
pelo Aqueducto Sertorianus d'Évora, e o
estado das Obras em execução

Escala 1:20000

Arthur Abelio Alves - esboço



Cofinanciado por:



O Aqueduto da Água de Prata e o Património Hidráulico de Évora

O Aqueduto da Água da Prata

e o Património Hidráulico de Évora

Freguesia

da

Si

O Aqueduto da Água da Prata e o Património Hidráulico de Évora



2019

Jorge de Oliveira

(CHAIA / U.ÉVORA)

RELATÓRIO

Trabalhos arqueológicos na Fonte e Tanque do Rossio de S. Brás - Évora

1 JUSTIFICAÇÃO

No âmbito do projecto de remodelação do Rossio de S. Brás, em Évora, a Câmara Municipal promoveu a execução de um conjunto de sondagens destinadas a avaliar o posicionamento e estado de conservação das condutas de abastecimento de água à Fonte do Rossio. Importava, ainda, avaliar a eventual presença de testemunhos arquitectónicos de um tanque público que se situava a cerca de quarenta metros para nascente da Fonte do Rossio e que, segundo a documentação escrita, foi desactivado e aterrado nos finais do século XIX.

O trabalho arqueológico dividiu-se, assim, em duas fases distintas. A primeira limitou-se ao acompanhamento e registo de ocorrências durante a abertura de valas de sondagem na face norte da fonte. A segunda, para além do natural acompanhamento da abertura de valas destinadas à realocização de eventuais testemunhos do tanque, implicava o registo pormenorizado e a interpretação dessas estruturas.

Depois de obtidas as autorizações junto do Instituto Português de Arqueologia demos início aos trabalhos.

2 CONDIÇÕES DE EXECUÇÃO

2.1. Recolha de documentação

Tratando-se de um sítio com memória histórica procedeu-se, previamente, a uma pesquisa documental sobre este espaço. Este estudo que se junta em anexo, elaborado pelo Mestre Manuel Branco, revelou-se de fundamental importância para o desenrolar de todo o processo de sondagens.

2.2. Equipa

Direcção de trabalhos arqueológicos:

Jorge de Oliveira

Arqueólogo:

Miguel Correia (Ocrimira)

Recolha documental:

Manuel Branco (C.M. de Évora)

Desenho de estruturas:

Margarida Ribeiro (U.E.) e Carolina

Grilo (Ocrimira)

Apoio de escavação:

Estudantes de Arqueologia da Universidade de Évora - Mário Pinto, Paulo Domingues, Nuno Santos, Ana Nóbrega, Rita Santos e Eunice Pimpão.

Colaborações:

Câmara Municipal de Évora e Universidade de Évora

Levantamento topográfico:

Câmara Municipal de Évora / Isidoro Calado

2.3. Datas de execução dos trabalhos de campo

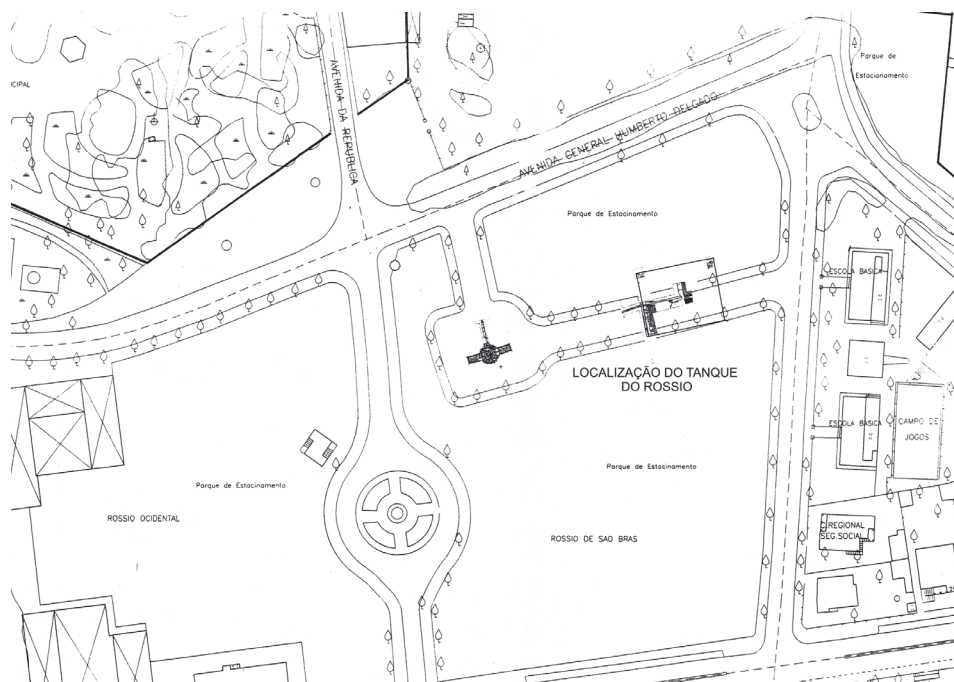
1ª fase: de 19 de Março a 6 de Abril de 2001

2ª fase: de 23 de Abril a 19 de Maio de 2001

3. 1ª. Fase - Abertura de valas junto à Fonte do Rossio

A necessidade de localizar e avaliar os terminais de abastecimento de água à Fonte

LOCALIZAÇÃO DO TANQUE DO ROSSIO.



do Rossio, levaram a equipa da Câmara de Évora, com base na descrição documental, a proceder à abertura de uma vala no sentido nascente -poente na face norte da fonte. A localização dessa vala foi condicionada pela modelação do espaço envolvente da fonte, pela não afectação de árvores e pela minimização de custos de reposição do pavimento. Assim, foi aberta, com recurso a uma máquina, uma vala com um comprimento de 4,50 metros, no sentido nascente - poente, a uma distância de 9 metros da base da fonte. Esta primeira vala destinava-se a localizar, em corte transversal, o posicionamento da conduta. Esta veio a identificar-se à profundidade de 1,70m. Localizado o posicionamento da conduta e estimando-se a sua direcção à fonte, procedeu-se, então, à abertura de outra vala, perpendicular à primeira, de forma a avaliar o estado de conservação e o sistema adutor terminal, considerando que o actual sistema de abastecimento procede dos actuais ramais de abastecimento geral de água à cidade.

O sistema original de abastecimento de água foi identificado sempre à mesma profundidade de 1,70m, até à base do alicerce da fonte. Contudo, verificou-se que o seu estado de conservação não era o mesmo em todo o percurso. Junto ao alicerce do monumento e num troço de 2,50m a conduta apresentava a parte superior e as manilhas

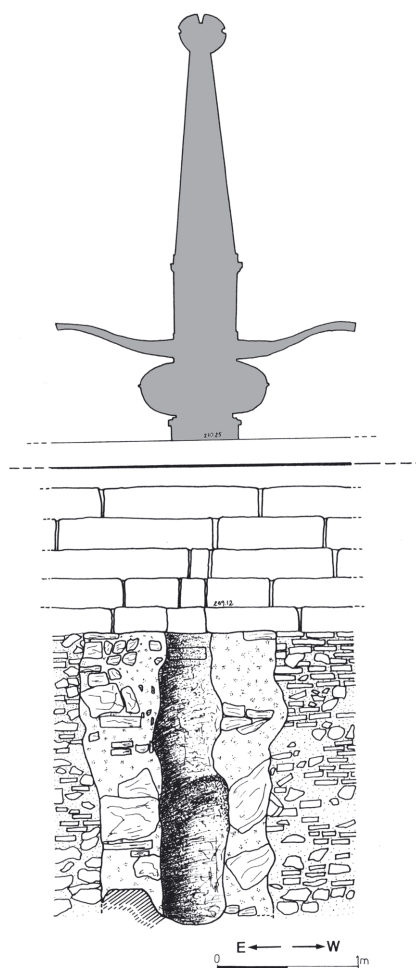
totalmente destruídas. Esta destruição foi, claramente, provocada por várias aduções que, ao longo dos tempos, mas sobretudo pós século XIX, se fizeram à fonte, renovando os sistemas de abastecimento. A utilização, até aos nossos dias do circuito interno de condutas dentro da fonte, levou a que a renovação de adutoras se processasse sempre pela mesma entrada, contribuindo para profundos revolvimentos de terras na face norte do monumento.

Por forma a melhor compreender a fábrica e implantação da conduta alargou-se a vala, previamente aberta por máquina, para uma largura média de 1,60 m. A forte pluviosidade que se fez sentir durante estes trabalhos provocou várias derrocadas de barreiras que, de alguma forma, condicionaram os perfis a executar, mas que em nada alteraram a leitura estratigráfica. Foi possível, assim, compreender a estratigrafia geral da zona sondada e, globalmente, a forma construtiva da conduta.

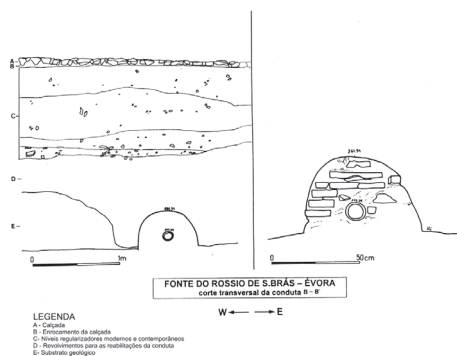
3.1. Estratigrafia

Com a abertura destas duas sondagens foi possível compreender, quer a forma de implantação e construção da conduta, quer os vários processos de regularização do piso na face norte da fonte.

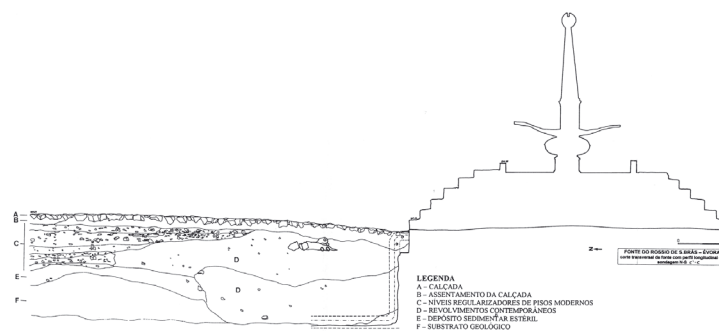
Actualmente, envolve a fonte uma calçada irregular de pedra granítica, que apresenta uma cota média de 269,24 metros. Imediatamente junto à estrutura geral da fonte denota-se um suave abati-



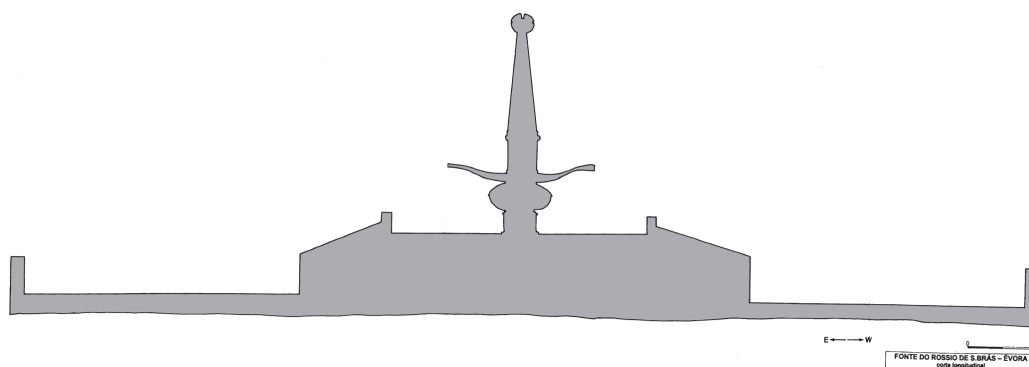
FORTE DO ROSSIO DE S. BRÁS -
ÉVORA, alçado do alicerce da fonte.



FORTE DO ROSSIO DE S. BRÁS -
ÉVORA, corte transversal da conduta.



FORTE DO ROSSIO DE S. BRÁS -
ÉVORA, corte transversal da fonte
com perfil longitudinal da sondagem.



FORTE DO ROSSIO DE S. BRÁS -
ÉVORA, corte longitudinal.

mento em toda a calçada, destinado a recolher e conduzir as águas para caixas situadas nos topos dos dois tanques que limitam a fonte a nascente e a poente.

Sob a calçada identificou-se um nível irregular de terra saibrosa, completamente estéril, do ponto de vista arqueológico, e que serviu de assentamento à calçada.

Abaixo da camada de saibro registaram-se seis níveis, irregulares do ponto de vista de potência e descontínuos nalguns locais, que correspondem a outras tantas fases de renovação do pavimento envolvente da fon-

te. Estes níveis, para além de demonstrarem que a fonte, na sua fase inicial de funcionamento, se elevava em relação à cota média do Rossio, explicam-nos os sistemas de regularização utilizados pré calcetamento. A metodologia utilizada é bem patente na estratigrafia evidenciada a utilização de entulhos diversos, compostos por argamassas, pequenos fragmentos de tijoleira e pedra granítica de pequeno calibre envoltas por terras argilosas, funcionando estas como ligante. A forte compactação destas camadas resultam tanto da sua longa duração funcional, como

do sistema de aplicação, que recorreria, seguramente, e como é tradicional, ao deramamento de água e posterior cilindragem, ou massamento. Estes níveis, praticamente estéreis do ponto de vista de materiais datáveis, parece poderem recuar-se até aos finais século XVI. Esta leitura cronológica baseia-se, em face da quase ausência de materiais datáveis, nos pequeníssimos fragmentos de material construtivo e de contenção que foi possível observar durante a abertura das valas. Esta leitura confirma a informação histórica da data de construção da fonte.

Os níveis de piso assentam sobre uma camada de terra argilosa sedimentar, com uma potência média de 35 cm que se sobre põe ao substrato geológico.

3.2. Sistemas construtivos

3.2.1. Conduta

Através das duas sondagens abertas na face norte da fonte foi possível verificar que a conduta é uma obra de notável resistência construtiva. Penetrando e assentando directamente no substrato geológico a conduta apresenta uma secção, genericamente semicircular, com um diâmetro médio de 0,60 metros. Este diâmetro enforma uma estrutura de tijoleira unida por argamassa que envolve e protege as manilhas cerâmicas que possuem um diâmetro na zona mesial de 10 cm. As manilhas correm sob uma camada de argamassa que as une ao substrato geológico. Para a observação da forma construtiva procedemos à desmontagem do capeamento no limite norte da conduta num troço de 45 centímetros. Nesta zona foi possível perceber o sistema de encaixe de cada peça cerâmica. De forma levemente cónica e com rebordo duplo as peças tubulares cujo comprimento total não foi possível avaliar encaixavam entre si, sendo unidas por uma massa argilosa com presença de matéria fibrosa. Esta massa

tomava impermeável as uniões, sendo reforçada pelo revestimento de alvenaria.

Na zona da sondagem, o sistema construtivo da conduta evidencia, já próximo da área destruída, uma alteração do capeamento superior, num troço de 110 cm. A forma semicircular é substituída por um capeamento de forma angulada que poderá corresponder a alguma ruptura e consequente recuperação da conduta

Junto ao alicerce da fonte a conduta subiria em ângulo recto até atingir o primeiro degrau da fonte, inflectindo, posteriormente, para o interior do monumento.

Deste troço do percurso só foi possível identificar os negativos da conduta. A posterior aplicação de tubagem férrea, ainda que oriunda de novos ramais de abastecimento público de água provocou a destruição deste troço de ligação original.

3.2.2. Fonte

Embora a estrutura exterior da fonte seja obtida por peças graníticas aparelhadas, fundos em tijoleira, taça e pedestal em mármore, as fundações que foram identificadas pela abertura da vala, evidenciam um alicerce obtido por aparelho misto de tijoleira e pedraria granítica informe, unidas por argamassas. Verificou-se que o alicerce se prolongava até, pelo menos, à cota de base da conduta, podendo, eventualmente, atingir maior profundidade.

4. Conclusão dos trabalhos

Obtida a informação a que se propunha esta sondagem, foi reposta a terra anteriormente retirada, cobrindo-se, previamente, toda a conduta com geotêxtil, sobre o qual se depositou uma camada de areia.

Durante os trabalhos de sondagem observou-se que a fonte teve, pelo menos,

três sistemas de abdução de água. Após a desafecção da conduta original, a fonte foi abastecida por uma tubagem em ferro. Actualmente, esta alimentação é efectuada por tubagem em ferro galvanizado.

5.2ª. Fase - Extracção de entulhos na área do tanque

5.1. Justificação

Com base na documentação escrita (vide anexo documental), havia conhecimento que a curta distância, para nascente da fonte, teria existido um vasto tanque que era alimentado pela água remanescente da fonte. Este tanque teria sido desactivado e aterrado, ou destruído nos finais do século XIX, havendo, contudo, ainda memória gráfica desta estrutura.

Por forma a melhor instruir o processo de reabilitação do Rossio de S. Brás, tomava-se importante avaliar a possível existência desse tanque ou de partes dele, sob o nível actual, assim como, conhecer o sistema de condução das águas remanescentes da fonte.

5.2. Metodologia da intervenção

Com base na documentação escrita e gráfica, avaliava-se que na zona pavimentada a alcatrão, que se situa entre a Fonte do Rossio e o edifício das Escolas Primárias, a cerca de quarenta metros do monumento, se encontraria o limite poente do tanque e que nessa direcção teria existido ou, existiria ainda, a conduta ou partes dela.

Os trabalhos de sondagem iniciaram-se com a abertura, com recurso a uma máquina, de uma vala no sentido norte - sul, a 40 metros de distância do limite nascente da fonte. Essa vala veio a revelar a existência, à profundidade de 1.20 metros, de uma

conduta, em tudo idêntica à que, anteriormente, havia sido identificada junto à fonte.

Com a abertura desta vala identificou-se, em estratigrafia, imediatamente abaixo do nível de pedra que sustenta o pavimento de alcatrão, o que poderia ser um piso de barro calcado e que poderia ter pertencido ao tanque que procurávamos.

Por forma a avaliar a justeza da nossa suspeição, procedemos ao cuidadoso levantamento do nível de alcatrão e do seu enrocamento, numa área de 4x4 metros. Revelou-se, então, que o que supúnhamos ter sido o piso de assentamento da base do tanque se tratava, apenas, de mais um antigo nível de pavimento de argila e entulhos com que foi regularizado, ao longo dos séculos, a maior parte do Rossio. Atendendo ao que já conhecíamos da estratigrafia de pavimentos deste espaço, optámos, com recurso a uma máquina, por acompanhar, no sentido poente - nascente, a parte superior da conduta detectada anteriormente. Sete metros para nascente, veio a identificar-se um muro fortemente argamassado, com uma orientação norte - sul e a uma profundidade de 75 cm, que poderia, pertencer ao limite poente do tanque. Abandonou-se, então a utilização do trabalho de máquina e optámos por proceder à marcação de uma quadrícula de 4X4 metros, orientada a norte magnético, a partir da qual nos propúnhamos desenvolver, primeiro, uma sondagem que, posteriormente, se se viesse a justificar seria alargada a todo o tanque. Rapidamente nos apercebemos que estávamos a escavar, unicamente entulhos recentes, sem qualquer valor e interesse arqueológico que aí foram colocados, no século XX para nivelamento de todo o Rossio. Esta observação foi ainda corroborada por funcionários em efectividade na Câmara Municipal que, por várias vezes, aí depositaram entulhos, geralmente, após as grandes chuvadas do Inverno e antes da realização da feira anual. Considerando o desinteresse da realização de uma escavação

manual, optámos por recorrer ao apoio de uma máquina para extracção dos entulhos que se acumulavam sobre o pavimento e muros limitadores do tanque.

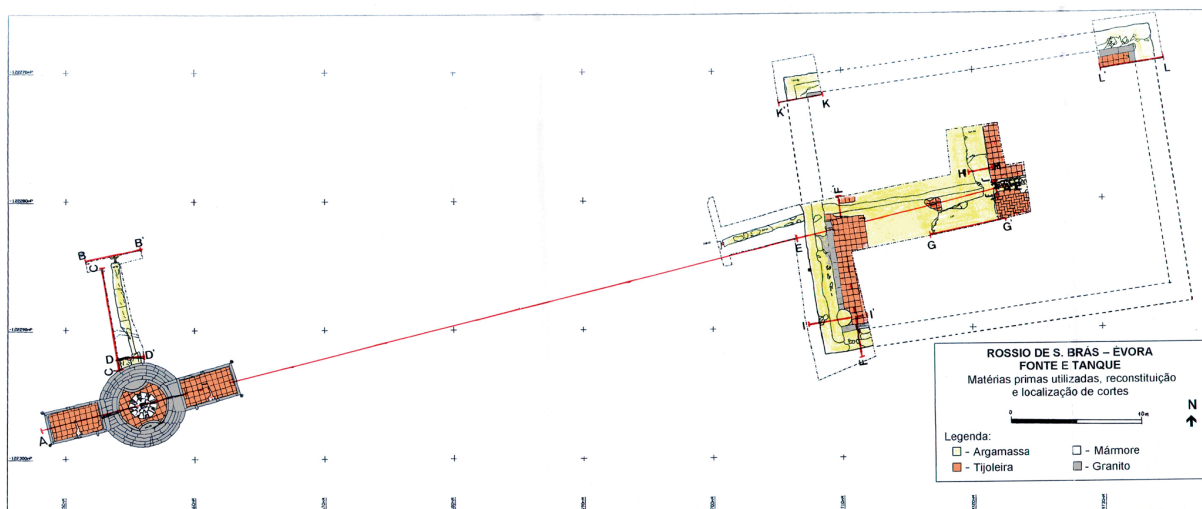
Detectado o tanque, aterrado por entulhos recentes, procurou-se, então, confirmar as suas medidas e estado de conservação. Para esse fim, procedeu-se ao desentulhamento de uma faixa de 4 metros de largura por 13 metros de comprimento, para sul, por forma a determinar o seu extremo nessa zona. No sentido poente - nascente e na direcção da conduta, que pela descrição alimentaria o tanque na zona central, procedeu-se, também, à extracção de entulhos num comprimento de 18 metros por 4 metros de largura. Ao atingir-se a zona central do tanque, onde o pavimento se encontrava mais destruído e numa tentativa de identificação e compreensão do sistema de chegada de água, alargou-se a extracção de entulhos para norte numa área de 16 metros quadrados. Atingida a zona central e identificado o canto SW do tanque e com base nas medidas fornecidas pela documentação escrita e na orientação evidenciada pelos trabalhos de escavação, abriram-se mais duas sondagens, uma no extremo NW (sondagem B) e outra no extremo NE (sondagem C), onde se vieram a detectar e a confirmar os limites do tanque e foi possível registar o seu estado de conservação. Nestas duas sondagens, foi possível, ainda, identificar o piso e muros limitadores do tanque a uma profundidade média de 1,20 metros.

5.3. Arquitectura do tanque

O tanque agora, de novo, posto a descoberto apresenta uma forma rectangular com um comprimento externo de 28.5 metros e uma largura de 22 metros.

O muro delimitador parece apresentar uma modelação em dois níveis, simétricos, sendo o exterior mais elevado. A espessura

total deste muro, em alvenaria de pedra e forte argamassa é de 160 centímetros. Evidenciam-se nalguns locais deste muro negativos muito regulares que parecem corresponder a um capeamento geral de lajes de pedra, eventualmente, de granito. A profundidade de alguns destes negativos e a presença de uma moldura também de granito em todo o perímetro do piso levam-nos a considerar a hipótese da existência de um revestimento, pelo menos nas faces superiores do muro delimitador do tanque, efectuado com peças desta rocha, talhadas regularmente. A facilidade de extracção destas peças e a sua aplicação para outros fins justificarão a sua actual ausência, pelo menos na zona agora desentulhada. O piso funcional do tanque apresenta uma moldura delimitadora de lajes de granito bem aparelhadas com uma largura de 40 centímetros. O espaço interior é revestido a tijoleira cerâmica de forma quadrada com 40 centímetros de lado. O piso de tijoleira apresenta-se regularmente conservado em grande parte do extremo poente do tanque. Na zona central notam-se grandes áreas sem a sua presença e profundos abatimentos que rompem, nalguns locais, a camada de argamassa onde o piso assentava. Registou-se, igualmente, na zona central, uma mancha significativa de revestimento com outro tipo de tijoleira. Trata-se de tijoleira de forma rectangular, com 40 centímetros de comprimento por 20 centímetros de largura. A sua disposição é em sistema travado. A descontinuidade entre as tijoleiras quadrangulares e as rectangulares e a presença de vários abatimentos entre os dois tipos de tijoleira parece confirmar a informação escrita e gráfica da existência de um outro recinto central onde se situaria o leão, de origem romana, de que nos fala a bibliografia e que agora se guarda no Museu de Évora. O elevado grau de destruição na zona central leva-nos a colocar a hipótese deste segundo recinto



ROSSIO DE S. BRÁS - ÉVORA, FONTE E TANQUE, matérias-primas utilizadas.

ter sido definido com peças pétreas com algum interesse e, naturalmente, recuperadas para outros fins aquando do abandono e entulhamento do tanque.

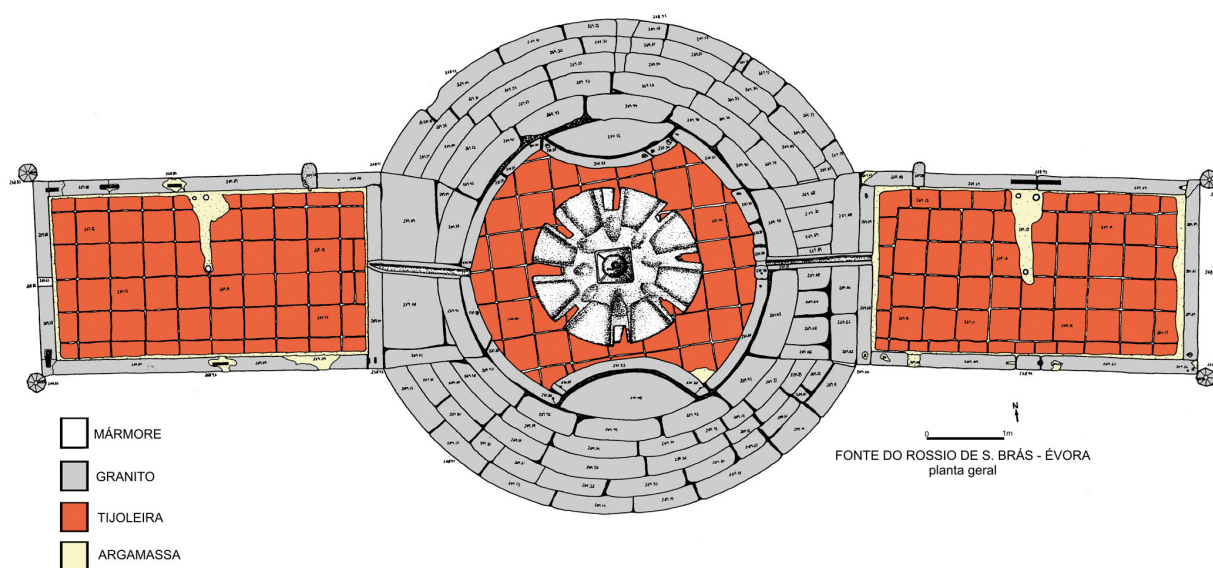
No seguimento da conduta que abastecia, por via subterrânea, este tanque, verificou-se a existência de uma vala contínua que rompeu a moldura granítica no limite poente e se prolongava, destruindo a tijoleira, até à zona central do tanque. Junto ao muro poente foi possível verificar a presença de vestígios de oxidação de ferro, eventualmente pertencente a uma tubagem que se embutiria no muro e que se encontra na continuidade da conduta, obtida por manilhas cerâmicas revestidas a tijoleira e argamassa. Este tubo em ferro, que teria uma secção interna de cerca de cinco centímetros, parece ter sido aplicado já em fase de dismantelamento do tanque e destinar-se-ia a conduzir as águas remanescentes da fonte até à saída final em conduta de alvenaria. Esta estrutura final, que apresenta secção quadrangular, destinava-se a encaminhar as águas após a sua utilização no tanque. Parte desta conduta final foi possível identificar no limite nascente da sondagem aberta. Trata-se, como já se disse, de uma

caneira em alvenaria, de secção quadrangular com uma largura média de 10 centímetros, coberta irregularmente por fragmentos de tijoleira, pedras de dimensões e formas variadas, apenas justapostas ou, sobrepostas irregularmente.

Seria na zona que hoje apresenta maior destruição que emergiria a conduta para abastecimento do leão, do qual jorraria a água para o tanque. O estado de destruição geral e a presença da vala para assentamento da conduta férrea contribuíram para que já não seja hoje possível compreender o sistema de articulação de águas.

5.4. Estratigrafia

Como anteriormente já se afirmou, sob uma camada de piso betuminoso e depois de ultrapassada uma camada de pedra granítica, que lhe serve de enrocamento, encontra-se um nível de pavimento formado por argilas e entulhos muito compactados, com claros sinais de renovações cíclicas. Este piso, ou pisos, continuamente renovados, correspondem à fase de utilização da alameda que une



0 1m
N
FONTE DO ROSSIO DE S. BRÁS - ÉVORA
planta geral

ROSSIO DE S. BRÁS - ÉVORA, FONTE
E TANQUE, planta geral.

a fonte à Escola Primária, antes da aplicação do actual pavimento de alcatrão.

Assenta o pavimento de argila e entulhos compactados num depósito homogéneo de terras e detritos, formados, maioritariamente, por fragmentos de tijoleira, blocos de pedra e argamassas, provenientes de eventuais obras que por toda a cidade tiveram lugar durante a fase de aterro do tanque. São entulhos que arrastam consigo alguns muito fragmentados restos de cerâmica de contenção, onde predominam os potes e alguidares vidrados a verde. Ocorrem também pequenos fragmentos de azulejos com decoração característica dos finais do século XIX, associados a vidros sem oxidação e pregos de ferro. Durante os trabalhos de desaterro foi possível ainda recolher uma moeda em bronze que já não permite leitura, e um fragmento de pedra de armas, em mármore, pertencente à família dos Castros.

No extremo SW do tanque, registou-se, também uma fossa circular com cerca de um metro de diâmetro que rompeu o pavimento de mosaico cerâmico em cerca de 30 cm. Trata-se de uma fossa para implantação

de uma árvore. Foi possível, mais uma vez, identificar vários pequenos abatimentos nalguns troços do muro delimitador do tanque que, pelas suas dimensões, corresponderão a “buracos de poste”, abertos em diferentes épocas e, seguramente, relacionados com actividades lúdicas e comerciais que, ciclicamente, ocorrem no espaço do Rossio.

5.5. Reposição dos entulhos

Atingidos os objectivos a que se propunha esta intervenção - identificar, localizar e avaliar o estado de conservação do tanque e da conduta - e, atendendo à necessidade e urgência de preparação do Rossio para a montagem da Feira de S. João, demos por terminados os trabalhos de remoção de entulhos e iniciou-se o desenho, cotagem e registo fotográfico de estruturas e cortes. Concluído o registo final, cobriu-se toda a área intervencionada com fibra geotêxtil sobre a qual se depositou areia que serviu de apoio às terras anteriormente extraídas.

6. REFLEXÃO FINAL

6.1. Fonte do Rossio

As duas valas abertas junto à Fonte do Rossio possibilitaram identificar e avaliar o estado de conservação da conduta de abastecimento de água, constituída como ramal terminal do Aqueduto da Água da Prata. A sua forma construtiva e de implantação é totalmente idêntica à dos troços recentemente postos a descoberto no interior do centro histórico. Constatou-se, igualmente, e atendendo à inclinação dos níveis estratigráficos, que a fonte, na sua fase inicial, se destacava, em altura, do nível de cota médio do espaço do Rossio. Tratava-se, claramente, de um monumento à água, assente num forte alicerce, envolto por uma suave colina artificial. Ao contrário do que hoje ocorre, em que a monumental fonte se esconde, discretamente, por entre copas de árvores doentes e de um vasto e desordenado parque automóvel, ela foi projectada para se destacar na secura do Alentejo e no tórrido Rossio. Trata-se de uma peça arquitectónica de refinado gosto estético, incorporando três matérias-primas distintas, granito, mármore e cerâmica, implantada à direita da entrada nobre da cidade, a meio caminho entre o primeiro espaço religioso e a porta do Rossio. O seu posicionamento espacial não foi obra do acaso ou de capricho. Este monumento à água destinava-se a saciar a sede de quem partia, funcionando, igualmente, como última memória para quem se aventurava pelas estradas poeirentas e escaldantes que os esperavam para sul. Para quem das terras quentes chegava, depois de ultrapassar o templo dedicado ao protector dos criadores de porcos, encontrava nesta fonte e nas árvores que a envolviam o oásis almejado.

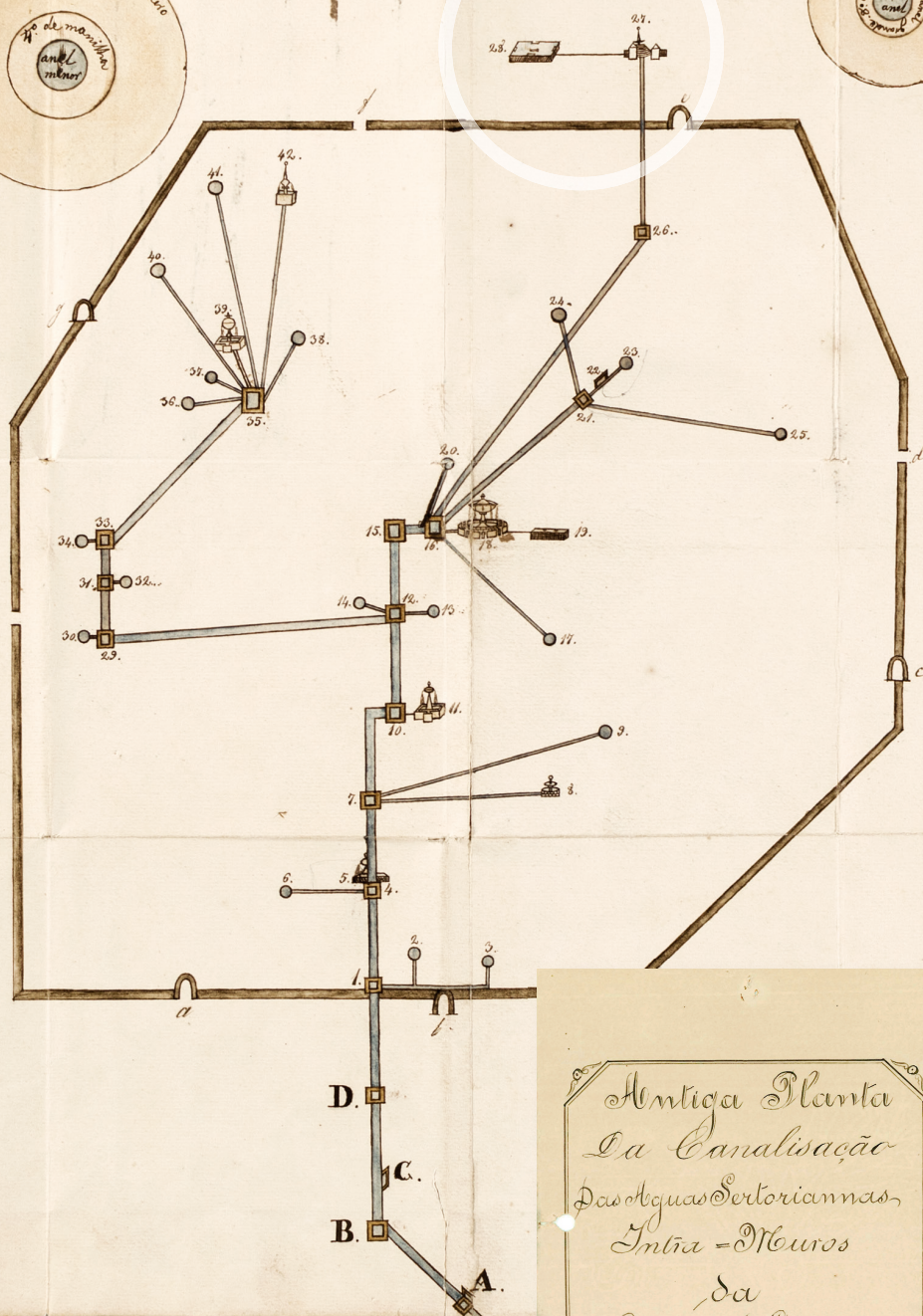
6.2. Tanque

Ocupando uma área de 627 metros quadrados, este impressionante tanque apresenta uma fábrica robusta e, a serem aceites as nossas anteriores interpretações, um revestimento pétreo esmerado. Não se trata, como à primeira vista se poderia supor, de uma obra menor. A sua vasta dimensão, a robustez construtiva, e a presença de elementos decorativos fariam deste tanque uma peça de valor arquitectónico e simbólico a par da fonte que o abastecia. A darmos crédito à informação bibliográfica, a aplicação do leão romano de mármore no interior de um segundo recinto conferiria, igualmente, maior monumentalidade a todo este espelho de água. Não se tratava, contudo, de uma obra, unicamente, simbólica. Sabemos que se destinava a lavadouro público. Mas, para esse fim, não seria necessário, nem o elevado grau de robustez, nem as amplas dimensões e muito menos os elementos decorativos que apresentava. Era assim uma obra funcional, mas digna de uma cidade residência de reis e princesas. Era, a par da fonte, mais uma obra que ficaria na memória de quem em direcção ao sul partisse. A irregular modelação natural do terreno do Rossio obrigou a que os construtores do tanque tivessem que invadir o substrato geológico para criar o desnível necessário para que da boca do leão saísse água com algum efeito cénico.

Ainda que, actualmente bastante despojado de elementos decorativos, a evidência desta gigantesca estrutura, enquanto se manteve visível, captou a atenção e foi matéria de reflexão dos muitos utentes do Rossio. Por várias vezes, fomos interrogados quanto ao fim dos nossos trabalhos, e perante a resposta que, para já, seria de novo coberto, o desagrado face esta opção foi, múltiplas vezes, manifestado.

Aqueduto intra muros d'Evora.

CÂMARA MUNICIPAL
de Évora
BIBLIOTECA



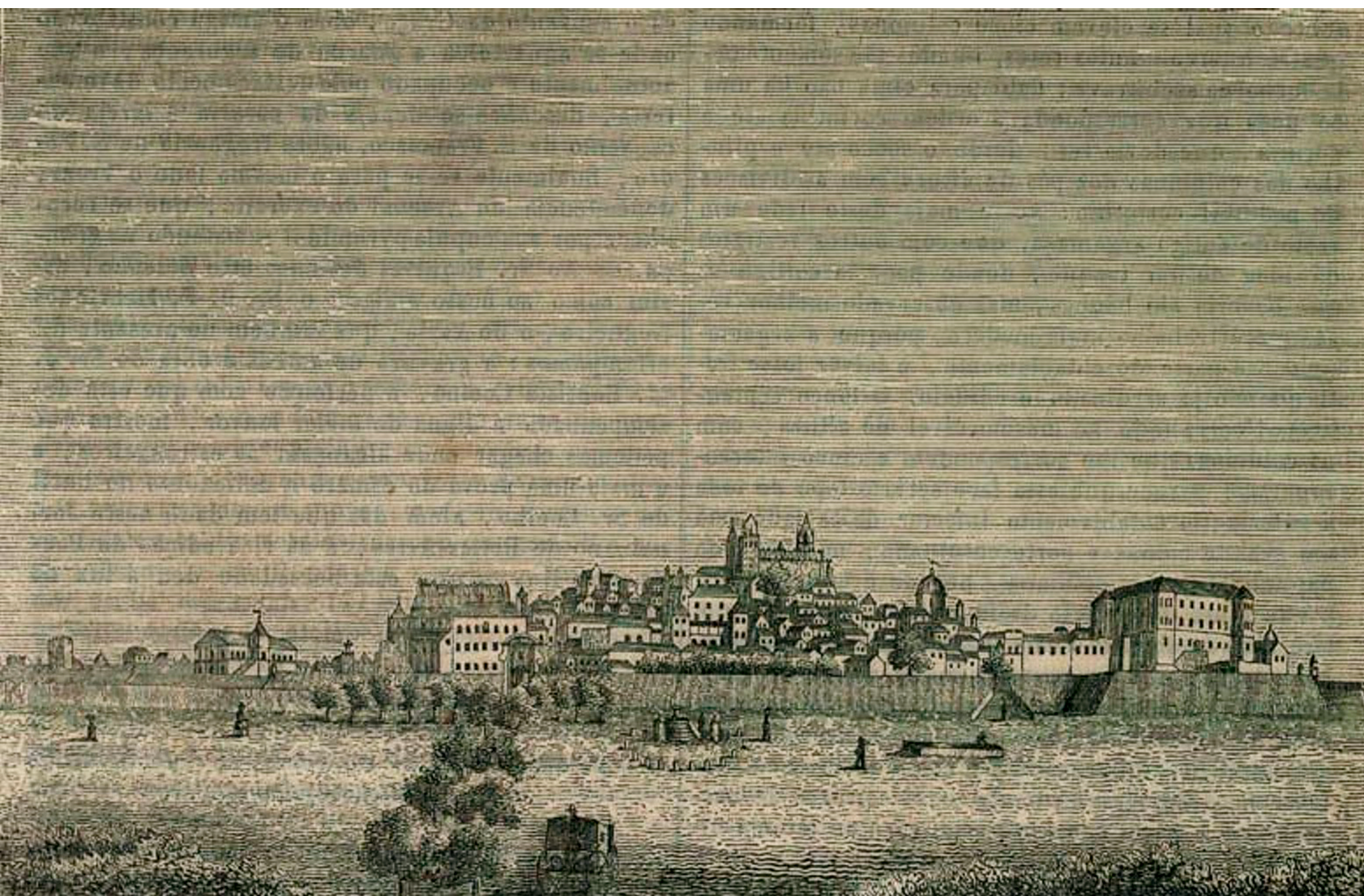
1	Caixa na Moura	Registo
2	Demoras	Novo anel
3	Salvador	Idem
4	Caixa de Chão da Moura	Registo
5	Fonte da Moura	Idem
6	Caixa de S. L. de	Novo anel
7	Caixa na Rua da Moura	Registo
8	Fonte de S. Domingos	Idem
9	Fonte Clara	Anel menor
10	Caixa a Porta Nova	Idem
11	Fonte da Moura	Idem
12	Caixa de Chão da Moura	Registo
13	S. Paulo	Idem
14	Salvador	Idem
15	Caixa na Rua da Moura	Registo
16	Caixa de Chão da Moura	Novo anel
17	S. L. de	Novo anel
18	Fonte da Moura	Idem
19	Chafariz	Idem
20	Caixa	Idem
21	Caixa a S. Francisco	Registo
22	Chafariz	Idem
23	S. Francisco	Anel menor
24	Caixa	Novo anel
25	Mouras	Idem
26	Caixa na Rua da Moura	Anel grande
27	Fonte de S. L. de	Idem
28	Alameda	Idem
29	Caixa a S. L. de	Registo
30	S. L. de	Novo anel
31	Caixa a S. L. de	Idem
32	Caixa	Novo anel
33	Caixa	Idem
34	Caixa	Anel grande
35	Caixa a S. L. de	Registo
36	Alameda	Idem
37	Caixa	Novo anel
38	Caixa	Idem
39	Fonte de S. L. de	Idem
40	Caixa	Novo anel
41	Caixa	Idem
42	Caixa	Idem
A	Caixa	Idem
B	Caixa	Idem
C	Caixa	Idem
D	Caixa	Idem

Antiga Planta
da Canalização
das Águas Sertorianas,
Intra-Muros
da
Cidade d'Evora

Documento encontrado
ao abandono em
2 de Novembro de 1906 e off.
por Diogo Machado

**ANTIGA PLANTA DA CANALIZAÇÃO
DAS ÁGUAS SERTORIANAS INTRA-
MUROS DA CIDADE D'EVORA**

Cronologia: 2ª metade do século XIX?
Prop.: Câmara Municipal de Évora.
Obs. Planta esquemática da distribuição de água a donatários particulares, fontes e chafarizes. Documento encontrado ao abandono a 2 de Novembro de 1906 e oferecido por Diogo Machado ao Município de Évora.



GRAVURA ANTIGA DO ROSSIO DE S. BRÁS, VENDO-SE O CHAFARIZ E O LAVADOURO.

(Appud. Espanca, Túlio, "Fortificações e Alcaidarias de Évora" in A Cidade de Évora, n.º 9-10, Évora, 1945).



LUMINOTECNIA

Vitor Vajão

CARPINTARIA e PINTURA

Eduardo Balixa

Gonçalo Fernandes

Humberto Belo

João Pacheco

Joaquim Almeida

Jorge Carrilho

Nuno Fialho

MONTAGEM

Carmen Almeida

Clara Fernandes

Gustavo Val-Flores

José Bugalho

José Rui Santos

Rosária Leal

SECRETARIADO e APOIO LOGÍSTICO

Adelino Rodrigues

Anabela Pinto

Clara Fernandes

Maria de Jesus Tenda

IMPRESSÃO e LETTERING

Luis Farias - DAC Publicidade

APOIOS

Direção Regional de Cultura do Alentejo

Museu Nacional Frei Manuel do Cenáculo

Samsung

A Câmara Municipal de Évora agradece o apoio prestado pelas seguintes entidades e personalidades: Arquivo Distrital de Évora, Família Espanca, Dr.^a Celeste Moura, Arq.^a Mariana Carvalho, Dr. Gonçalo Lopes, Dr. Jorge Moleirinho, Alberto Martinez, Augusto Balça, Pedro Sarreirita

CATÁLOGO

EDIÇÃO

Câmara Municipal de Évora

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Cármén Almeida

TEXTOS

Alberto Martinez, Carlos Pinto de Sá, Cármén Almeida,

Francisco Bilou, Gustavo Val-Flores, Jorge Oliveira, José

Rui Santos, Manuel Branco

FOTOGRAFIA

Alberto Martinez

Eduardo Nogueira

Gustavo-Val-Flores

Jean Laurent

Joaquim de Mattos Peres

José António Barbosa

Manuel Ribeiro

Marcolino Silva

ILUSTRAÇÕES

Francisco Bilou

Gustavo Val-Flores

DESIGN GRÁFICO E PRÉ-IMPRESSÃO

Rui Belo

IMPRESSÃO

Depósito Legal: **459177/19**

ISBN: **978-972-8509-66-8**

Tiragem: 1000 exemplares